

## Educação sexual e anticoncepção na adolescência: avaliação em uma escola pública

Sthefany Caroline Batista da Silva, Farmácia, Centro Universitário Integrado, Brasil

Eduarda dos Santos Pedroso, Farmácia, Centro Universitário Integrado, Brasil

Renan Alberto Marim, Farmácia, Centro Universitário Integrado, Brasil

**Resumo:** A adolescência constitui um período de intensas transformações e vulnerabilidades, marcado pela falta de informações e tabus relacionados à sexualidade e contracepção, o que contribui para a ocorrência de casos de gravidez precoce e as infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). Nesse contexto, este estudo teve como objetivo avaliar os conhecimentos, atitudes e práticas sobre sexualidade e anticoncepção entre estudantes de uma escola pública do centro oeste do Paraná, bem como sugerir intervenções educativas, que contribuam para o aumento do conhecimento. Assim, para alcançar esse objetivo, utilizou-se uma pesquisa aplicada, descritiva e exploratória, com abordagem mista, realizada por meio de questionário estruturado e autoaplicável em ambiente escolar, envolvendo 67 participantes, com idade média de 16 anos. Os resultados demonstraram falta significativa no conhecimento sobre métodos contraceptivos, sendo que 62,9% dos adolescentes afirmaram não receber informações suficientes e 56,9% relataram não utilizar qualquer método na primeira relação sexual. Observou-se ainda uso irregular de preservativos e baixa participação da escola como fonte de informação (3,2%), enquanto a internet (36,5%) e os profissionais de saúde (30,2%) foram os canais mais mencionados entre os estudantes, como fonte de busca de informações. Diante dos resultados, sugeriu-se uma intervenção educativa voltada à promoção da saúde sexual e reprodutiva, com integração entre escola, família e serviços de saúde. Por fim, conclui-se que há necessidade de ações pedagógicas contínuas que favoreçam o acesso à informação científica e o desenvolvimento de práticas sexuais mais seguras entre adolescentes.

**Palavras-chave:** Anticoncepção; Gravidez na adolescência; Infecções sexualmente transmissíveis.

**Abstract:** Adolescence is a period of intense transformation and vulnerability, marked by a lack of information and taboos related to sexuality and contraception, which contribute to the occurrence of early pregnancy and sexually transmitted infections (STIs). In this context, this study aimed to assess the knowledge, attitudes, and practices regarding sexuality and contraception among students at a public school in northeastern Paraná, as well as to suggest educational interventions that contribute to increasing this knowledge. To achieve this objective, an applied, descriptive, and exploratory study was used, with a mixed-method approach, using a structured, self-administered questionnaire in a school setting. The study involved 67 participants, with an average age of 16. The results revealed a significant lack of knowledge about contraceptive methods, with 62.9% of adolescents reporting insufficient information and 56.9% reporting not using any method during their first sexual encounter. Irregular condom use and low school participation as an information source (3.2%) were also observed, while the internet (36.5%) and health professionals (30.2%) were the most frequently mentioned sources among students for information. Given the results, an educational intervention aimed at promoting sexual and reproductive health was suggested, with integration between school, family, and health services. Finally, it is concluded that there is a need for ongoing educational initiatives that

promote access to scientific information and the development of safer sexual practices among adolescents.

**Keywords:** Contraception; Teenage pregnancy; Sexually transmitted infections.

## INTRODUÇÃO

A adolescência, é compreendida como a fase entre a transição da infância para a vida adulta, marcada por intensas transformações físicas, psicológicas, cognitivas e sociais, somada com a puberdade que impulsiona o amadurecimento sexual (14). Nesse período, observa-se um quadro preocupante de saúde pública, relacionado a gravidez indesejada e as infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), sendo problemas frequentes na realidade social brasileira, afetando o desenvolvimento escolar e projetos de vida de adolescentes (10).

No ano de 2020, aproximadamente 14% de todos os nascimentos no Brasil foram decorrentes de mães com até 19 anos de idade, mesmo sendo considerados como maiores de idade, a alta taxa de nascimentos demonstra uma preocupação durante a gravidez na adolescência, sendo provocada por uma iniciação à prática sexual precoce. Além disso, outros fatores podem ser limitantes, como uma maior ocorrência de complicações obstétricas (abortamento, diabetes gestacional, parto prematuro e depressão pós-parto), e outras consequências negativas na trajetória educacional, com aumento da interrupção dos estudos o que repercute negativamente na condição social e econômica dificultando a inserção no mercado de trabalho das jovens (14,22).

Diante desse cenário, a vulnerabilidade dos adolescentes não se restringe apenas às consequências da gravidez precoce, mas também à falta de acesso a informações claras e seguras sobre saúde sexual e reprodutiva, o que reforça a importância de compreender os fatores relacionados à desinformação nesse público (15).

Entre os principais obstáculos, destacam-se a desinformação entre esse público, sendo os motivos listados como dificuldade de conversar com o/a parceiro (a) e a qualidade inadequada da informação sobre anticoncepção e reprodução, assim, nota-se que mesmo conhecendo “algum” método, muitos jovens não usam por subestimar o risco ou por esquecimento (24). Essa desinformação também aparece quando o assunto são as ISTs, visto que grande parte dos adolescentes lembram na maioria dos casos de síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) e gonorreia, demonstrando a necessidade de ações escolares e da saúde que ofereçam prevenção e informações a este público (7,1). Portanto, nessa prevenção, o preservativo tem papel central por oferecer dupla proteção quando usado corretamente e rotineiramente (1).

Nesse sentido, para enfrentar estas dificuldades, reforça-se o papel das políticas públicas, que apontem caminhos da Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS) e as Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens, em trazer o papel da escola, serviços de saúde e família

na conscientização dos jovens e adolescentes, por meio do apoio de programas como o Programa Saúde na Escola (PSE) (9).

Diante disso, o presente estudo teve como objetivo avaliar os conhecimentos, atitudes e práticas sobre sexualidade e anticoncepção entre estudantes de uma escola pública do nordeste do Paraná, bem como sugerir uma intervenção educativa que contribua para o aumento do conhecimento, o uso consistente de preservativos e a escolha informada de métodos contraceptivos.

Além disso, o estudo se justifica pela relevância social e em saúde pública da gravidez não planejada e das ISTs na adolescência, sendo observado lacunas de informações identificadas entre jovens, o que demanda ações educativas escolares para transformar conhecimento em comportamentos de proteção.

## MÉTODO

O presente estudo teve o enquadramento metodológico de acordo com Gil (11), nos aspectos: quanto à natureza da pesquisa, quanto aos fins, quanto aos meios e quanto à abordagem do problema.

Quanto à natureza da pesquisa, o estudo se enquadra como aplicada, ao qual foi realizada a aplicação de questionários, gerando conhecimento com finalidade prática e oferecendo dados para intervenções educativas e para tomada de decisões na escola/serviços de saúde. Em relação aos fins, a pesquisa teve caráter descritivo e exploratório, pois busca descrever características da população estudada e mapear relação entre variáveis, permitindo explorar lacunas de informações para orientações futuras no ambiente escolar.

Quanto aos meios, foi aplicado um questionário estruturado e autoaplicável dentro do ambiente escolar, com amostragem por conveniência, onde contemplou questões abertas e fechadas, distribuídas entre: perfil sociodemográfico (sexo, idade, escolaridade); conhecimento e uso de métodos contraceptivos; práticas sexuais e uso de preservativo; percepção sobre educação sexual na escola; atitudes frente à contracepção de emergência e prevenção de ISTs.

Em relação a coleta de dados, a pesquisa foi realizada em uma escola pública de ensino médio, situada no nordeste do estado do Paraná. O universo da pesquisa compreendeu estudantes regularmente matriculados no ensino médio, na faixa etária entre 14 e 18 anos. A amostra foi composta por alunos de ambos os sexos, selecionados por conveniência, de acordo com a autorização da instituição e a adesão voluntária dos estudantes.

Quanto à abordagem do problema e análise dos dados, ela foi enquadrada como mista (quali-quantitativa). Os dados foram tabulados em planilha eletrônica e analisados por meio de estatística descritiva (frequência e proporções), buscando identificar padrões de conhecimento, atitudes e práticas sobre saúde sexual e contracepção entre os adolescentes, em consonância com

metodologias adotadas em estudos correlatos. Já as respostas abertas foram avaliadas de maneira qualitativa, sendo a base para contextualizar o estudo.

Por fim, o estudo foi previamente aprovado pelo Comitê de Ética com Seres humanos do Centro Universitário Integrado, sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº87580025.0.0000.0092, em conformidade com as resoluções vigentes. A coleta foi autorizada pela direção da escola e conduzida com anonimato, confidencialidade, voluntariedade e direito de desistência assegurados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa apresentou 67 participantes, com uma leve predominância do público feminino (52,2%), apresentando idade média em torno de 16 anos, perfil típico de alunos do ensino médio (Tabela 1).

Tabela 1 - Perfil da amostra

Variável	Categoria	N	%
<b>Sexo*</b>	Feminino	35	53,0
	Masculino	31	47,0
<b>Vida sexual ativa**</b>	Sim	39	61,0
	Não	25	39,0

Respostas válidas: \*66 pessoas respondentes; \*\*64 respondentes.

Um estudo realizado por Ferreira (10) e Brogiolo e colaboradores (8) apresentou um público de adolescentes com idades semelhantes a esse trabalho. Ainda que ambos os estudos não apresentaram dados em relação ao sexo dos participantes, foi descrito que a idade média à primeira relação foi por volta de 16 anos, faixa que coincide com a amostra desse estudo, reforçando a pertinência do recorte etário para discutir sexualidade e prevenção.

Ainda, as respostas dos alunos obtidas no estudo sobre a vida sexual ativa, demonstrou com 61% uma vida sexual ativa, com predominância do gênero masculino (88,9%). Estudos sobre sexualidade adolescente de Araújo e colaboradores (2), descrevem que meninos tendem a iniciar práticas sexuais mais cedo, influenciados por normas culturais que valorizam a masculinidade, autonomia e incentivo social para expressar e vivenciar a sexualidade. Assim, esse contexto cultural pode contribuir para os altos percentuais de vida sexual ativa, assim como observado nesse estudo, demonstrando a necessidade de educação sexual.

Além disso, Silva e colaboradores (23) em um estudo realizado no Município de Abaetetuba-Pará, descreveram sobre sexualidade nas escolas, onde observou-se que 61% do público era referente ao sexo feminino, com faixa etária entre 14 e 19 anos, e média de idade de 17. O estudo demonstrou ainda, resultados próximo ao apresentado neste trabalho, onde 49,25% dos adolescentes já

havam iniciado a vida sexual, apresentando predominância de 54,55% eram do gênero masculino e 45,45% do feminino e a média de idade na primeira relação sexual foi de 15,23 anos.

## Conhecimento e Acesso às Informações sobre Métodos Contraceptivos entre Adolescentes

Quanto ao acesso e compreensão das informações sobre o uso de métodos contraceptivos, observou-se que 37,1% dos adolescentes afirmaram possuir informações suficientes, enquanto 62,9% descrevem não se sentirem suficientemente esclarecidos, ou seja, não recebem informações os suficientes (Gráfico 1). Esse resultado demonstra que, uma parcela grande de estudantes ainda apresenta dúvidas de conhecimento, o que pode comprometer a adoção de práticas seguras de prevenção.

### Você acha que jovens recebem informações suficientes sobre a contracepção?

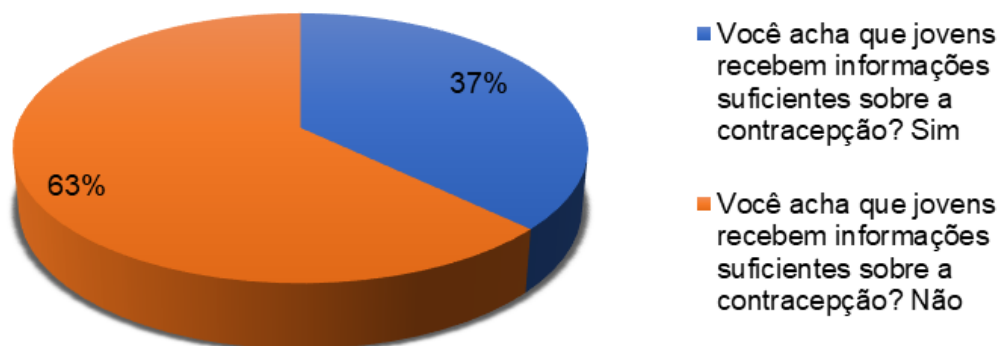


Gráfico 1: Você acha que jovens recebem informações suficientes sobre a contracepção?

O estudo de Guimarães, Vieira e Palmeira (12), apresentam resultados semelhantes à deste estudo, em que descrevem que cerca de 57,7% dos adolescentes afirmaram não receber informações sobre métodos anticoncepcionais, demonstrando uma lacuna de conhecimento. Da mesma forma, Brogiolo e colaboradores (8) reforçam que parte dos adolescentes reconhece a importância do uso de preservativos, mas relata dificuldades na negociação com o(a) parceiro(a) ou negligência quanto ao uso regular. Já Molina e colaboradores (16), descrevem que embora os adolescentes reconheçam métodos contraceptivos, muitos não conhecem bem métodos como camisinha

feminina, anticoncepcional oral ou a pílula do dia seguinte, evidenciando lacunas no conhecimento que vão além da simples familiaridade com os métodos.

Assim, apesar do avanço nas informações sobre contracepção, o presente estudo demonstrou que 37,1% dos adolescentes ainda não se sentem seguros sobre o tema, o que reforça a necessidade de ações educativas contínuas. Esse problema também aparece no comportamento prático, como mostra no Gráfico 2, em que se verifica que mais da metade dos jovens relatou não ter usado nenhum método na primeira relação sexual. Nota-se que apenas 36,2% relataram ter utilizado preservativo na primeira relação sexual, enquanto 6,9% declararam ter usado de outro método, sendo que a maioria (56,9%) informou não ter utilizado nenhum método contraceptivo.

## Se sim, você utilizou método contraceptivo na sua primeira relação?

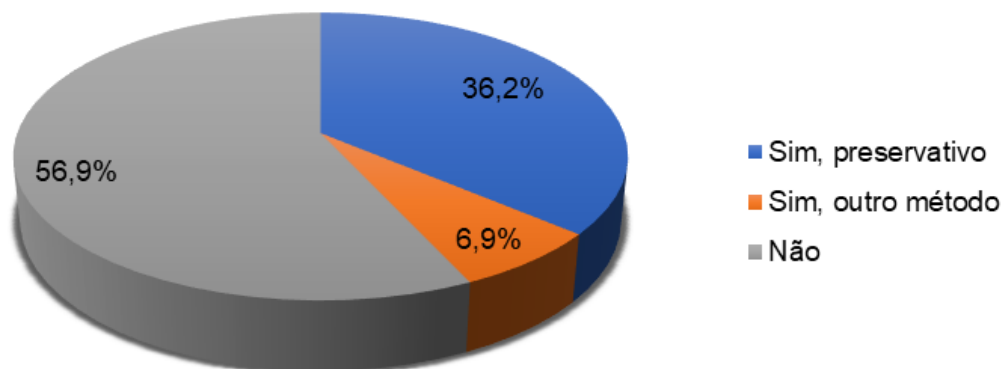


Gráfico 2: Você utilizou algum método contraceptivo na sua primeira relação?

Resultados semelhantes foram encontrados por Vieira et al. (17), cerca de 33,9% dos jovens tiveram sua primeira relação sexual desprotegida, ou seja, a falta de métodos contraceptivos, na primeira relação, os expõe a riscos de gravidez precoce e ISTs.

Dessa forma, esses dados reforçam a necessidade de intervenções educativas escolares e comunitárias, voltadas à transmissão de conhecimento e a valorização de estratégias como uso de preservativos para a saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. Apesar de parte dos jovens afirmar possuir informações sobre contracepção, esse conhecimento não foi traduzido em prática no momento da iniciação sexual.

## O uso de métodos contraceptivos

Após conhecer os participantes da pesquisa, foi questionado sobre o uso autorreferido de contraceptivos, sendo observado que 57,5% dos entrevistados descreveram já ter utilizado algum método de proteção, enquanto 42,5% nunca utilizaram (Tabela 2). Esse quadro indica exposição prévia de pouco mais da metade às práticas de prevenção, mas revela também uma parcela expressiva sem uso ao longo da vida sexual, podendo ser justificado pela pergunta não sido voltada apenas aos que já iniciaram a vida sexual ativa, ou por falta de preservação, o que nesse caso indica um ponto crítico a ser priorizado nas ações educativas subsequentes.

Tabela 2: métodos de proteção

Uso autorreferido de contraceptivos			
Indicador	Categoria	N	%
Já utilizou algum método	Sim	38	57,5
	Não	28	42,5
Métodos citados entre quem já utilizou			
Método		N	%
Preservativo masculino		20	55,6
Pílula		13	36,1
Injeção contraceptiva		2	5,6
DIU		1	2,8

Respostas válidas: \*66 pessoas responderam.

Brogiolo e colaboradores apresentaram resultados próximos ao deste estudo sobre hábitos sexuais entre jovens, onde observou-se que 80,95% dos jovens que já iniciaram a vida sexual, já utilizaram algum método contraceptivo (com predominância de preservativo e pílula), enquanto Martins e colaboradores (15), não estudou especificamente o uso de algum método, mas avaliou o nível de conhecimento sobre métodos de proteção, apresentando 95% dos respondentes como pessoas que conhecem algum tipo de contraceptivo, indicando ampla adoção entre os sexualmente ativo.

Entre os estudantes que referiram uso de contraceptivos, observou-se predomínio do uso de preservativo masculino (55,6%) e da pílula (36,1%), com poucas menções à injeção (5,6%) e ao DIU (2,8%). Esses resultados demonstram um cenário, semelhante ao visualizado por Brogiolo e colaboradores (8), em que 45,24% utilizam preservativo masculino, seguido por anticoncepcional oral (26,19%), pílula do dia seguinte (7,14%) e tabelinha (2,38%). O autor ainda destaca que neste estudo, não foram citados uso de DIU ou coito interrompido.

Outros estudos, como Molina e colaboradores (16), verificaram que a camisinha masculina foi referida por 53% dos adolescentes, sendo o método mais utilizado, enquanto a pílula apareceu entre os métodos menos citados (15%). Já Olsen e

colaboradores (17), em estudo publicado nos Cadernos de Saúde Pública, identificaram entre mulheres jovens o uso do preservativo masculino em 28% dos casos e da pílula em 23%. Dados mais amplos da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), realizada pelo IBGE em 2019, também confirmam essa tendência, apontando o preservativo como o método mais utilizado entre adolescentes brasileiros, seguido pela pílula anticoncepcional entre as meninas (13). Acredita-se que o uso de tais métodos contraceptivos, se explica pelo fato de serem distribuídos de forma gratuita pelo Sistema Único de Saúde (SUS) (19).

Já em relação aos métodos DIU (2,8%) e injeção contraceptiva (5,6%), foram pouco mencionados neste estudo. Resultados semelhantes foram encontrados por Piantavinha e Machado (18), que observaram que o conhecimento sobre esses métodos está abaixo do observado para preservativo masculino e pílula. Martins e colaboradores (15) também verificaram que o DIU e a injeção contraceptiva foram pouco citados entre adolescentes de escolas públicas e privadas, com variação entre 6,4% e 20,6% de conhecimento sobre tais métodos, enquanto camisinha e pílula variaram entre 60,7% e 84,3%. Esses resultados reforçam que o DIU e a injeção contraceptiva ainda são relativamente pouco difundidos e menos conhecidos em comparação aos métodos tradicionais, como preservativo masculino e pílula.

Assim, observa-se um padrão entre os adolescentes, em que ocorre o predomínio do uso de preservativo/pílula, indicando que são métodos de fácil acesso. Porém, identifica-se ainda uma parcela relevante de jovens que não realizam uso ao longo da vida sexual, reforçando a necessidade de ações educativas focadas no uso correto e consistente de métodos de proteção.

Nesse sentido, além da avaliação do uso de métodos, foi investigado onde os adolescentes buscam informações sobre contracepção. Conforme demonstrado no Gráfico 3, a internet aparece como a principal fonte (36,50%), seguida por profissionais de saúde (30,20%) e pais ou responsáveis (23,8%). Em contraste, a escola (3,20%) e os amigos (6,30%) foram pouco mencionados como canais de obtenção de informações.

## Caso tivesse dúvidas sobre os métodos contraceptivos e formas de proteção, onde buscaria essas informações?

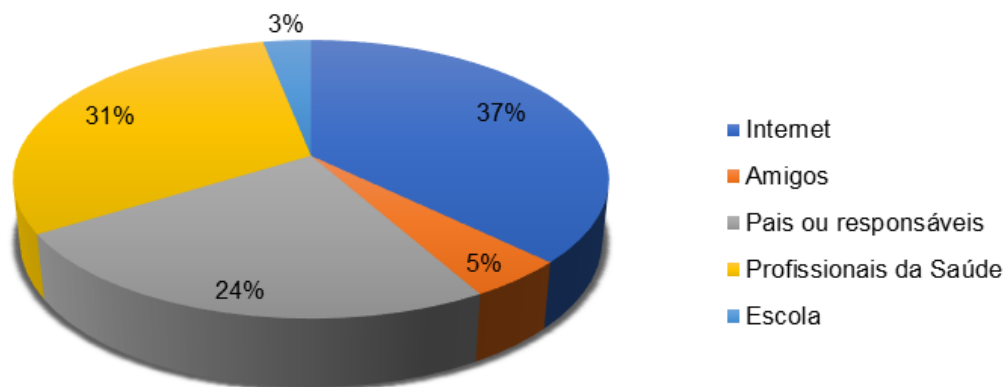


Gráfico 3: Caso tivesse dúvidas sobre os métodos contraceptivos e formas de proteção, onde buscaria essas informações?

Por meio dos resultados, nota-se duas questões centrais: de um lado, a internet como espaço principal de busca por conhecimento na atualidade, porém, nem sempre garante informações corretas ou de qualidade, por outro, a baixa participação da escola, instituição que deveria exercer papel fundamental na educação sexual e reprodutiva dos adolescentes. Estudos como o de Rossi e Fonseca (20), demonstram resultados semelhantes, pois que os adolescentes citam as redes sociais/internet como principal local de busca de informações (50,6%) sobre métodos anticoncepcionais, seguido por profissionais da saúde (36,4%). Já na escola, os autores descrevem com menor frequência de busca, o que reforça essa realidade, ao demonstrarem que a escola frequentemente não assume seu papel central na discussão de temas relacionados à sexualidade, deixando dúvidas que acabam sendo preenchidas por fontes nem sempre confiáveis, como redes sociais e colegas.

Por outro lado, o estudo demonstra a presença expressiva dos profissionais de saúde (30,20%) e da família (23,80%) como agentes importantes de informação, o que demonstra potencial para fortalecer a integração entre setor saúde, família e escola. Estudo semelhante de Vieira e Monte (25), descrevem como principais fontes de informações sobre métodos contraceptivos citados por adolescentes, pais, palestras, escolas e internet, portanto, corroborando com os resultados deste estudo. Nesse sentido, programas como o Programa Saúde na Escola (PSE) têm papel estratégico, ao articular ações dentro desses espaços que permitam criar condições para que a informação sobre contracepção seja transmitida de forma clara, segura e acessível aos adolescentes (6).

Por fim, foi avaliado o conhecimento dos adolescentes acerca da eficácia do preservativo masculino na prevenção da gravidez e das infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). Conforme demonstrado no Gráfico 4, apenas 46,9% dos entrevistados responderam corretamente, atribuindo ao preservativo uma eficácia próxima a 98% quando utilizado de forma correta. Em contrapartida, 42,2% afirmaram não saber avaliar a eficácia, enquanto 9,4% indicaram 70% e 1,5% sugeriram apenas 50% de proteção.

## Qual a eficácia aproximada do preservativo na prevenção da gravidez e infecções sexualmente transmissíveis?

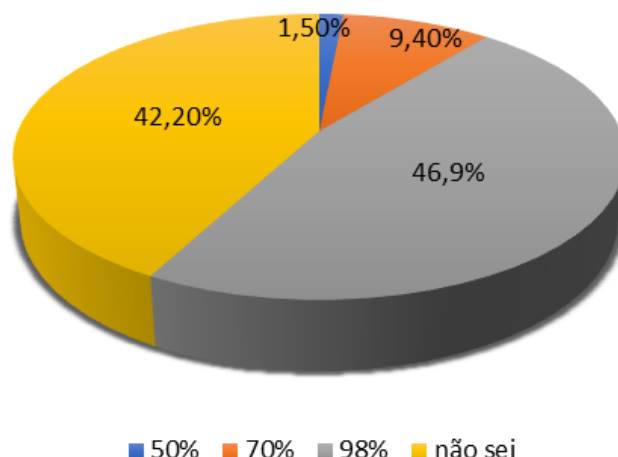


Gráfico 4: Qual a eficácia aproximada do preservativo na prevenção da gravidez e infecções sexualmente transmissíveis?

Esses resultados demonstram que, embora o preservativo seja amplamente reconhecido como o método mais acessível e utilizado entre os adolescentes, ainda há dúvidas significativas de conhecimento quanto à sua real eficácia. Estudos como o de Borges et al. (3) também identificaram percepções equivocadas sobre a eficácia do preservativo, mostrando que parte dos jovens subestima a proteção oferecida pelo mesmo, especialmente quando o associam apenas à prevenção da gravidez, sem compreender sua relevância na redução do risco de doenças sexualmente transmissíveis.

Assim, a alta prevalência de adolescentes neste estudo (42,2%) que relatam “não saber” é particularmente preocupante, pois demonstra que quase metade dos estudantes da escola estudada não possui informação adequada sobre um método que é referência em prevenção. Desta forma, reforça-se a necessidade de a escola estabelecer estratégias educativas que não apenas promovam o uso do preservativo, mas também esclareçam sua eficácia comprovada, de modo a estimular a adesão correta e consistente.

Diante do exposto, os resultados deste estudo demonstraram e descreveram lacunas relevantes no conhecimento e no uso de métodos contraceptivos entre adolescentes, destacando-se a falta de informações claras, a prática inconsistente de prevenção e a baixa participação da escola como importante agente no aprendizado. Diante desse cenário, reforça-se a necessidade de intervenções educativas contínuas e integradas entre escola, família e setores públicos de saúde.

## Proposta de Intervenção Educativa

Diante dos resultados, observou-se a falta de conhecimento dos adolescentes sobre métodos contraceptivos e prevenção das infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). Portanto, tornando-se claro a necessidade ações voltadas à promoção da saúde sexual no contexto escolar, visando maior conhecimento. Observações semelhantes, foram citadas por autores como Martins e seus colaboradores (15) e Ferreira (10), que descrevem a insuficiência de informações sobre a educação sexual nas escolas brasileiras, resultando em falta de conhecimento, conseqüentemente vulnerabilidade para os adolescentes.

Nesse sentido, diante dos dados, sugere-se a implementação de uma intervenção educativa de caráter preventivo, fundamentada nos princípios da Política Nacional de Promoção da Saúde (4) e das Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens (5). Sugere-se ainda, que a ação preveja a realização de atividades integradas entre escola, família e serviços de saúde, com o apoio do Programa Saúde na Escola (PSE), abordando temas como contracepção, ISTs, sexualidade e relações de gênero.

Por fim, espera-se que a execução dessa proposta contribua para o aumento do nível de conhecimento e autonomia dos adolescentes, estimulando práticas sexuais mais seguras e conscientes. Além disso, conforme defendem Brogiolo (8) e Silva e Lopes (21), ações educativas contínuas e participativas são fundamentais para o fortalecimento das informações entre a juventude e para a redução das desigualdades em saúde. Dessa forma, a intervenção proposta tem como objetivo promover a educação sexual de forma ética, científica e inclusiva, permitindo que a escola seja um ambiente de cuidado, diálogo e promoção da saúde integral do adolescente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo evidencia uma preocupante defasagem no ensino educacional relacionado à educação sexual entre adolescentes da rede pública de Campo Mourão.

A análise demonstrou de forma consistente que a maioria dos estudantes não possui conhecimentos básicos sobre o uso de contraceptivos, revelando uma lacuna significativa na formação escolar sobre um tema essencial para a promoção da saúde e prevenção de riscos.

Essa ausência de informações adequadas pode favorecer a vulnerabilidade dos jovens frente a gravidezes não planejadas e infecções sexualmente transmissíveis, reforçando a necessidade urgente de políticas públicas e programas educativos que contemplem a sexualidade de maneira clara, científica e acessível.

Portanto, os achados deste trabalho reforçam o papel fundamental da escola como espaço privilegiado de disseminação de informações corretas e seguras, contribuindo para o desenvolvimento de adolescentes mais conscientes e preparados para tomar decisões responsáveis acerca de sua saúde sexual e reprodutiva.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradecemos a Deus, que nos concedeu força, sabedoria e perseverança para chegar até aqui. Sem a Sua presença em cada etapa dessa caminhada, nada disso teria sido possível.

Ao nosso orientador, professor Renan Marim, expressamos nossa profunda gratidão pela dedicação, paciência e orientação ao longo do desenvolvimento deste trabalho. Seu apoio e conhecimento foram essenciais para que pudéssemos evoluir e concluir mais esta etapa com aprendizado e confiança.

Aos professores que fizeram parte da nossa trajetória acadêmica, o nosso sincero agradecimento por todo o ensinamento, incentivo e contribuição na nossa formação profissional e pessoal. Cada aula e cada palavra tiveram grande importância na construção do nosso caminho.

À nossa família, nosso alicerce em todos os momentos, agradecemos por todo amor, compreensão e incentivo, mesmo nos dias mais difíceis. É por vocês e com vocês que seguimos em frente.

Aos nossos colegas de turma, que compartilharam conosco desafios, conquistas, risadas e aprendizados, deixamos nosso carinho e reconhecimento por terem feito parte dessa jornada.

Às amigas que conquistamos durante a faculdade, que dividiram conosco momentos de estudo, cansaço, apoio mútuo e alegria, nossa gratidão por tornarem essa caminhada mais leve e significativa.

E, por fim, aos amigos que sempre estiveram conosco, torcendo, apoiando e acreditando, mesmo à distância ou em silêncio, o nosso muito obrigada por fazerem parte dessa conquista.

## REFERÊNCIAS

- (1) ALMEIDA DE FREITAS, C. et al. Atenção primária à saúde no Brasil: adolescência, desinformação e infecções sexualmente transmissíveis. **HU Revista**. v. 48, p. 1–6, 2022.
- (2) ARAÚJO, W. J. S. et al. Iniciação sexual precoce de adolescentes masculinos em contexto de diversidade de gênero. **Texto & Contexto Enfermagem**. v. 32, p.e20220285, 2023.
- (3) BORGES, A. L. V. et al. ERICA: iniciação sexual e contracepção em adolescentes brasileiros. **Revista de Saúde Pública**. v. 50, n. 1, 2016.
- (4) BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
- (5) BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde: PNPS – Anexo da Portaria de Consolidação nº 2, de 28 de setembro de 2017, atualizada em 2018**. 3. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.
- (6) BRASIL. Ministério da Saúde. **Programa Saúde na Escola (PSE)**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, [2023]. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/pse>> Acesso em: 19 set. 2025.
- (7) BRÊSTAS, J. R. da S. et al. Conhecimentos de adolescentes sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis: subsídios para prevenção. **Acta Paul Enferm**. v. 22, n. 6, p. 786-92. 2009.
- (8) BROGIOLO, C. B. et al. Educação sexual de adolescentes e jovens em ambiente escolar. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**. v. 24, n 6, p. 1-10, 2024.
- (9) FERREIRA, A. **Ministério da Saúde orienta boas práticas para prevenção da gravidez na adolescência**. Ministério da Saúde, 2025. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2025/fevereiro/ministerio-da-saude-orienta-boas-praticas-para-prevencao-da-gravidez-na-adolescencia>> Acesso em: 28 ago. 2025.
- (10) FERREIRA, S. **Intervenção com Adolescentes sobre Educação Sexual na Escola**. 2019. 66 f. Dissertação (Mestre em Promoção da Saúde), Centro Universitário de Maringá, 2019.
- (11) GIL, A. C.; **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- (12) GUIMARÃES, A. M. D. N.; VIEIRA, M. J.; PALMEIRA, J. A. Informações Dos Adolescentes Sobre Métodos Anticoncepcionais, **Rev Latino-am Enfermagem**. v. 11, n. 3, p.293-298, 2003.

- (13) INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **A saúde dos adolescentes**. Educa IBGE, 2019. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21457-a-saude-dos-adolescentes.html>> Acesso em: 19 set. 2025.
- (14) MANIKA, L. G. B.; SCHNAIDER, L. L. B. C.; SILVA, D. da. Da Infância À Adolescência: Explorando A Crise Existencial Da Transição. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**. [S. l.], v. 10, n. 11, p. 7480–7501, 2024. DOI: 10.51891/rease.v10i11.17143. Disponível em: <<https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/17143>> Acesso em: 28 ago. 2025.
- (15) MARTINS, L. B. Motta. et al. Conhecimento sobre métodos anticoncepcionais por estudantes adolescentes. **Revista Saúde Pública**. v. 1, p. 57-64, 2006.
- (16) MOLINA, M. C. C. et al. Conhecimento de adolescentes do ensino médio quanto aos métodos contraceptivos. **O Mundo da Saúde**. v. 39, n. 1, p. 22-31, 2015.
- (17) OLSEN, J. M. et al. Práticas contraceptivas de mulheres jovens: inquérito domiciliar no Município de São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública / Fiocruz**. v. 34, n. 2, p. 1-17, 2018.
- (18) PIANTAVINHA, B. B.; MACHADO, M. S. Conhecimento sobre métodos contraceptivos de adolescentes atendidas em Ambulatório de Ginecologia. **Femina**. v. 50, n. 3, p.171-177, 2022.
- (19) RODRIGUES, F. M. et al. A conscientização dos métodos contraceptivos ofertados gratuitamente pelo SUS: uma abordagem sobre a percepção de acadêmicas da área da saúde de uma faculdade. **Revista Inovação & Sociedade**. v.4, p. 1-9, 2024.
- (20) ROSSI, A. L. V. B.; FONSECA, T. Percepção do conhecimento e uso de métodos contraceptivos por adolescentes de colégio de Ceilândia – DF. **Ciências da Saúde**. v. 28, ed. 139, 2024.
- (21) SILVA, A. F. da.; LOPES, M. H. B. de M. Uso de métodos anticoncepcionais entre adolescentes de ensino médio. **Rev. Adolesc. Saúde (Online)**. v. 15, n. 2, p.102-112, 2018.
- (22) SILVA, A. **Gravidez na adolescência: 380 mil partos foram realizados por mães com até 19 anos somente em 2020 no Brasil**. Agência.gov, 2024. Disponível em: <<https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202401/protacao-lei-brasileira-visa-prevenir-gravidez-na-adolescencia-no-pais-somente-em-2020-380-mil-partos-foram-realizados-por-maes-com-ate-19-anos>> Acesso em: 28 ago. 2025.

# SIMPAP

Simpósio de Pesquisa, Extensão e Inovação do Paraná

Realização



Apoio



FUNDAÇÃO  
ARAUCÁRIA  
Apoio ao Desenvolvimento Científico  
e Tecnológico do Paraná

- (23) SILVA, A. S. N. et al. Início da vida sexual em adolescentes escolares: um estudo transversal sobre comportamento sexual de risco em Abaetetuba, Estado do Pará, Brasil. **Revista Pan-Amazônica de Saúde**. v. 6, n. 3, p. 27–34, 2015.
- (24) UNFPA – Fundo de população das Nações Unidas. **Vendo o Invisível**. 1 Situação da População Mundial 2022. 1ª ed. 2022.
- (25) VIEIRA, T. L. da C. M. R.; MONTE, A. S. Conhecimento dos adolescentes sobre os métodos contraceptivos. 2019. 24 f. (Trabalho de Conclusão de Curso), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB, 2019.